

conquistar o nosso bem estar e que a nossa divisa deve ser um por todos e todos por um”. [5]

Vemos que a estratégia educativa defendida pelas associações de classe caminhava em comunhão com sua estratégia sindicalista. A educação é pensada em um sentido amplo, e a luta por melhorias sociais é também uma ferramenta pedagógica dos trabalhadores.

Assim, em 15 de janeiro de 1921 a Liga organizou um grande festival, que contou com uma palestra sobre a questão social proferida pelo Prof. José Oiticica, militante anarquista de grande destaque no Brasil, além da encenação da peça *A Tomada da Bastilha* pelo Grupo Dramático Ismenia dos Santos e da orquestra do Grupo Artístico Renovação, fundado em dezembro de 1920 (vide Emecê #13, agosto/2009). O objetivo do festival era arrecadar fundos para a inauguração da escola, que ocorreria no próximo 1º de abril.

Funcionando na Rua São João nº 95, lugar utilizado como sede de diversos sindicatos, entre eles a Liga, a escola fica sob responsabilidade do Prof. Ruy Gonçalves. Militante anarquista descrito pelo sindicato como “o espírito forte que doutrina e ensina para vencermos na grande obra da remodelação social”, [6] Ruy Gonçalves contribuiu com jornais sindicalistas e anarquistas, entre eles o *Liberdade* (1917-1919) e *O Clarim* (1913-1917), ambos organizados pelo também educador anarquista Pedro Matera. O Prof. Ruy Gonçalves já contava com mais de 40 anos de militância e, além de ter escrito alguns livros, dedicava-se à questão da educação, tendo referência declarada nas obras de Francisco Ferrer y Guardia. Escreveu, então, com bastante entusiasmo sobre a escola da Liga: “A escola da Liga está aberta; ela é a porta larga, a estrada luminosa por onde passarão os que são conscientes; afastando-se dessa porta é fugir da vereda da luz, da luz que ilumina a consciência do trabalhador, elevando-o, fazendo-o livre. A inconsciência deve desaparecer e para que o trabalhador que tudo

produz e só é explorado, consiga ser consciente só existe um caminho: é educar-se. Para educar-se criou-se a escola. A escola é a forja monstruosa em que os sentimentos do homem se aperfeiçoam e se apuram. Auxiliai a escola, camaradas; auxiliai a escola frequentando suas aulas. Instrui-vos! Educai-vos”! [7]

Ainda é incerto determinar, contudo, os rumos da *Liga Operária da Construção Civil* de maneira mais precisa e, conseqüentemente, da escola por esta gerida. Sabemos que o Estado brasileiro atacava duramente os sindicatos e escolas operárias. Na década de 1920, essa política repressiva se agravou, quase pulverizando o movimento operário.

No entanto, sabemos que a atuação operária não se encerrou nesse momento, permanecendo viva mesmo com todas estas situações adversas. Essa atuação não se expressava apenas na reorganização sindical em si, mas também na manutenção das práticas adotadas ao longo das décadas anteriores, como a educação operária.

Três anos depois, em carta confidencial ao jornal *A Plebe*, de São Paulo, em 1924, o Prof. Ruy Gonçalves mantinha suas práticas educacionais. Em outro endereço e sem citar a Liga, o relato nos esclarece bastante sobre as intenções do educador: “Tem esta por fim, comunicar-vos que, desde 18 de fevereiro está funcionando, nesta cidade, no Fonseca, uma escola racionalista denominada “A Forja” com 45 alunos. (...) “A Forja” surgiu como símbolo de uma evidente promessa; é uma escola moldada à feição da “Escola Moderna”, de Ferrer. O seu programa de ensino que, oportunamente, enviarei, bem como os livros adotados que foram escrupulosamente escolhidos, revelam bem os seus fins e os seus intuitos. Sem vaidade, penso ser “A Forja” a primeira escola racionalista, de fato, que se funda no Brasil. A criação do seu internato (o primeiro internato operário que se cria no país) é uma tentativa extraordinária e que será levada a efeito dentro de pouco tempo. A matrícula

na “A Forja” é inteiramente grátis; a escola favorece, sem nenhuma contribuição, livros, papéis, penas, lápis, enfim, todo material escolar necessário à educação do aluno. À generosidade dos camaradas daqui e do Rio, deve a “Forja” o surto que vem tendo no curto lapso de existência. Oxalá, possa “A Forja” conseguir o seu programa e desobrigar-se da responsabilidade de que a si arrogou e, assim terá resolvido o magno problema da educação racionalista - base principal da evolução consciente dos trabalhadores”. [8]

A carta nunca seria publicada, pois o jornal *A Plebe* seria fechado pela força policial em São Paulo. Por enquanto, pouco mais se sabe sobre “A Forja” e seu professor. Estas experiências ilustram como o anarquismo estava presente nos meios operários durante as três primeiras décadas do século XX, comprometido com a educação enquanto ferramenta de emancipação social e entendendo os sindicatos e escolas operárias como forjas da liberdade.

Antônio Felipe da C. M. Machado

Notas

[1] RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária*. p. 109.

[2] É importante lembrar outras experiências brasileiras análogas a esta aqui estudada, como a 1º de Maio, em Vila Isabel (1903) e a Escola Libertária Germinal, no bairro do Bom Retiro, na cidade de São Paulo, assim como a Escola Elisée Reclus, em Porto Alegre (1906), a Germinal, no Ceará (1906), União Operária em São Paulo (1906), Liga Operária, em Sorocaba (1911), Escola Moderna, em Petrópolis (1913), e as Escolas Modernas nº 1, em São Paulo (1912). Em 1913, é criada a Escola Moderna nº 2 por Adelino Tavares de Pinho, entre outras. Há também a criação, em 1904, de uma Universidade Popular no Rio de Janeiro mas que rapidamente fecham as portas.

[3] RODRIGUES, Edgar. *Alvorada Operária*. p. 139.

[4] Boletim da Liga Operária da Construção Civil, nº 1, p. 3.

[5] Boletim da Liga Operária da Construção Civil, nº 3, p. 1, abr. de 1921.

[6] Boletim da Liga Operária da Construção Civil, nº 3, p. 4, abr. de 1921.

[7] Boletim da Liga Operária da Construção Civil, nº 4, p. 4, abr. de 1921.

[8] RODRIGUES, Edgar. *Novos Rumos*, p. 214-215.

